

A LITERATURA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RAICIAS NA CULTURA BILÍNGUE

Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso¹
Elían Sandra Alves de Araújo²

RESUMO

Este artigo pretende relacionar a questão étnico-racial e a cultura bilíngue da comunidade surda. Buscamos contribuir para a discussão sobre a questão do preconceito e racismo com os negros, indígenas e surdos. Tratamos da história da comunidade surda e seu direito a uma educação bilíngue para que possamos entender que os surdos são sujeitos culturais, capazes de conviver socialmente. Atendendo ao direito dos sujeitos negros e indígenas de serem respeitados em suas culturas e identidades relacionamos ao ensino da literatura para comunidade surda. Para tanto, buscamos fazer uma pesquisa bibliográfica para levantar uma discussão que relaciona as temáticas abordadas neste artigo, entre os autores utilizados estão, Costa (2010), Capavilla (2001), Candido (2004), Duarte (2001), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, relações étnico-raciais e cultura bilíngue.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nossas Diferenças (Elemento Reggae)

Temos que aprender a conviver
Com nossas diferenças
Temos que aprender a conviver
Com nossas diferenças

Saber respeitar
Pra poder também ser respeitado
Isso serve para min
E também pra quem esta ao meu lado

Nós somos tão diferentes
Mas ao mesmo tempo somos tão iguais
Somos obras da criação de Deus pai

Não somos nada parecidos
Mas ao mesmo tempo somos tão iguais
Somos nós a semelhança de Deus pai

Temos que aprender a conviver
Temos que aprender a conviver

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- PPGE/UFAL professora de anos iniciais da Secretaria de Educação de Maceió- AL, lilianbarbara.cc@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas- PPGE/UFAL, Professora do Departamento de Educação da UFRPE, lian.sbio@gmail.com

Iniciamos este artigo com a letra da música de reggae “Nossas diferenças”, do grupo Elemento Reggae, que fala sobre o respeito e sobre o processo de conviver com as diferenças. Aprender a conviver com o diferente é um desafio em uma sociedade que parte do pressuposto da tolerância, pois tolerar é diferente de respeitar. Tolero aquilo que me convêm, que não aceito ou não conheço, não mudo de atitude diante do ser diferente. Já o respeito, proporciona não só a aceitação, mas o conhecimento do outro, proporcionando uma mudança de atitude e da forma de olhar o outro e a si.

No trecho da música “Não somos nada parecidos, mas ao mesmo tempo somos tão iguais, somos nós a semelhança de Deus Pai”, o autor da letra nos faz refletir sobre um princípio importante para uma sociedade democrática: a despeito de aparentes particularidades somos todos essencialmente iguais no que tange ao caráter humano, independente de cor da pele, limitações ou de gênero. Diante deste contexto, este artigo pretende relacionar a questão étnico-racial e a cultura bilíngue da comunidade surda. Buscamos contribuir para a discussão sobre a questão do preconceito e racismo com os negros, indígenas e surdos.

Baseado nas Diretrizes Nacionais para a Educação das relações Étnico- raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira, africana e indígena considerando a publicação das Leis 10.639 de 2003 e a lei 11.645 de 2008, que resultam do processo da luta das comunidades indígenas e negras, as quais foram historicamente silenciadas e negadas em detrimento de uma cultura eurocêntrica e hegemônica. Um dos pontos de discussão que apresentamos neste texto é a contribuição para a formação de professores e intérpretes de LIBRAS numa perspectiva da diversidade através de propostas de trabalho com a literatura. Buscando atender ao direito dos sujeitos negros, indígenas e surdos de serem respeitados em suas culturas e identidades.

Para tanto, buscamos fazer uma pesquisa bibliográfica para levantar uma discussão que relacionasse as temáticas abordadas neste artigo, entre os autores que convidamos para este diálogo aqui proposto estão, Costa (2010), Capavilla (2001), Candido (2004), Duarte (2001), entre outros.

Nas próximas seções iremos abordar a história da educação surda, assim como trataremos de propor algumas atividades que relacionam o trabalho com a literatura e a questão étnico-racial dentro da perspectiva da cultura bilíngue.

METODOLOGIA

Para compreendermos como foi realizada a pesquisa bibliográfica deste artigo é necessário definir o que é pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é uma exigência de quase todos os estudos evidenciando a nossa contratação acerca da importância da bibliografia, ressalta também que existem pesquisas exclusivamente bibliográficas conforme destacado abaixo:

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44) [grifo nosso].

O autor supracitado classifica as fontes bibliográficas em livro (leitura corrente e de leitura de referência), publicações periódicas (jornais e revistas) e impressos diversos. Todas essas fontes bibliográficas podem ser vistas na fundamentação deste trabalho. Os livros e periódicos aqui utilizados como referência nos forneceram suporte para localização das dinâmicas que envolveram o objeto de estudo deste trabalho. É importante ressaltar que os livros de referência não são somente um meio de consulta de rápidas obtenções de informações, eles fornecem horizontes que até então não foram contemplados pelo pesquisador.

A leitura de outros trabalhos indica o que já foi produzido sobre o assunto e o que se precisa avançar. As variadas concepções de outros autores sobre o assunto revelam a diversidade de posições e concepções sobre a temática, sabendo que cada um deles pode apresentar visões particulares, contribuindo para um aprofundamento do olhar sobre o objeto de pesquisa. Para fazer a leitura de outras produções é preciso que se considere em cada autor a perspectiva filosófica que o guia na interpretação dos fenômenos, o contexto em que foi publicado o seu texto, para quem foi direcionada aquela publicação e por fim, as reflexões levantadas que contribuem para fundamentar as novas pesquisas

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL E A CULTURA BILÍNGUE NA LITERATURA

Desde os tempos antigos os surdos eram vistos como seres incapazes por não desenvolver a língua oral, este fato os condenava a não consideração de sua humanidade. “Para Aristóteles, não sendo capaz de falar, o surdo também não tinha a possibilidade de ser educado, de construir pensamento ou de expressar seus sentimentos” (COSTA, 2006, p.20).

Da Idade Média, até o século XII os surdos não podiam se casar, além disso existia neste período o discurso de que as almas dos surdos não eram imortais porque não podiam falar os sacramentos. Ao contrário da maioria dos estudiosos da história da Língua de Sinais descrevem, a origem da língua de sinais começou nesse período, nos mosteiros onde os monges usavam gestos para se comunicar em silêncio, conforme constata Costa (2010) em seus estudos.

Foi somente na Idade Moderna que surgiram os primeiros educadores de surdos, entre os mais importantes foram: Pedro de Ponce de León (1520-1584) e logo depois um dos seus seguidores Juan Pablo Bonet, que desenvolveu o método “Bonet” que tinha como foco a oralização dos sujeitos surdos. Nesse sentido, o acesso à educação dos surdos, segundo Costa (2010) inicia-se no século XVI através das iniciativas isoladas e que depois se tornaram institucionalizadas. A educação dos surdos se constituiu a partir das seguintes correntes filosóficas: oralismo, comunicação total e o bilinguismo, que serão discutidas a seguir.

Segundo Capavilla (2001) oralismo é uma corrente comunicativa muito utilizada na educação dos surdos no século XIX que perdurou até os anos 1970. Consiste no ensino da língua materna através da imposição da oralização nos processos de aprendizagem do surdo. Neste método é proibida qualquer manifestação que se diferencie da fala, como ocorre na comunicação gestual e na utilização de mímicas. Portanto, o surdo deveria utilizar a fala, os vestígios de audição remanescentes, e um comportamento semelhante ao do ouvinte para ser aceito socialmente e finalmente ser curado da surdez através da prática da fala.

Devido ao descontentamento referente ao uso do oralismo na educação dos surdos, mais tarde, surgiu a Comunicação Total, que consiste na utilização dos sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital no ensino da língua materna. Sendo assim, nesta corrente comunicativa o surdo tem livre arbítrio para escolher qual manifestação de linguagem lhe é mais adequada para comunicar-se socialmente (CAPAVILLA, 2001). Visto que esta foi uma corrente que abriu espaço para o que conhecemos hoje como língua de sinais, assim como a autonomia e independência do surdo e sua inserção na sociedade, contudo não foi completamente efetiva devido a superficialidade no ensino de uma ou outra forma de comunicação. Isto é, como o surdo poderia utilizar o mecanismo que mais se identificava ou mesclar duas ou três formas de comunicação, ele não conseguia se especializar e aprender de maneira profunda sobre alguma forma de linguagem específica.

Já a proposta de ensino bilíngue, na concepção de Capavilla (2001), contrapõe-se ao oralismo porque considera a comunicação visual e gestual prioritária no ensino da linguagem. E se diferencia da comunicação total, pois defende fundamentalmente a língua de sinais na educação do surdo, não misturando uma manifestação linguística com a outra. Nesta corrente,

ensina-se primeiramente a língua de sinais e secundariamente a língua dos ouvintes, que pode ser manifesta apenas em sua forma escrita.

A proposta de ensino bilíngue traz como benefício a integridade da manifestação visual e gestual expondo a criança surda desde cedo a língua de sinais, ou seja, já aprendendo a sinalizar tão cedo quanto uma criança ouvinte aprende a falar. Assim, a criança surda poderá aumentar a sua capacidade e competência linguística o que irá ajudá-la a aprender também a língua falada, tornando-a bilíngue desde cedo. Isso contribui para o seu desenvolvimento cognitivo-linguístico em iguais proporções ao da criança ouvinte. Desta maneira, uma relação harmoniosa com a comunidade surda seria estabelecida, como também, uma melhoria da autoimagem dos sujeitos surdos, despertando neles a consciência do pertencimento a um grupo específico que possui suas maneiras de se comunicar e se relacionar através de língua própria.

O reconhecimento da língua de sinais no Brasil ocorreu somente no início do século XXI, quando o governo brasileiro instituiu uma série de políticas públicas com o fito de promover a inclusão no país.

O aparato legal previu a garantia de direitos de cidadania e de educação aos surdos, instâncias inseparáveis, principalmente através da chamada “Lei de Libras”, a Lei 10.436 de 2002, que tornou esta língua oficial no país. Houve a indicação de uma série de medidas para a garantia da educação de surdos, como a exigência da presença de intérpretes nas salas aulas inclusivas, a abertura de cursos letras-libras, para formação de professores e intérpretes, e a oferta obrigatória da disciplina Libras em quaisquer cursos de licenciatura. (ABRAHÃO; PEREIRA, 2015, p. 142).

Diante deste contexto, convém pensarmos no lugar ocupado pelo ensino da literatura na educação surda, especialmente na formação dos profissionais que irão atuar na área. A literatura é uma experiência fundamental para o exercício de ativar a sensibilidade e para a reflexão humana.

É preciso partir do princípio, que o acesso do surdo à literatura nos espaços formais de educação precisa ser garantido, pois segundo Candido (2004) o surdo possui o direito à literatura. O processo de narrar é inerente ao humano, por isso é necessário um trabalho junto as diversas formas de comunicação, como as artes³ visuais, a encenação e a literatura que são

³ A arte aqui é entendida como “[...] concretização dos sentimentos em formas expressivas ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não possíveis de simbolização conceitual. Pela arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos, naquilo que escapam à linearidade da linguagem” (DUARTE, 2001, p. 65). Desta forma, a arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo e sentir.

instrumentos de expressão. Vejamos a seguir sugestões de atividades para trabalhar a questão étnico-racial com a comunidade surda através da literatura.

COMO TRABALHAR A LITERATURA ÉTNICO-RACIAL NA PERSPECTIVA DA CULTURA BILINGUE?

Entre as atividades, está o trabalho com livros de literatura infanto-juvenil que foram produzidos em uma época em que o preconceito com a comunidade negra e indígena do Brasil era velado e alimentado por discursos das teorias raciais que pregavam a superioridade da raça branca e a inferioridade das demais etnias. Livros de autores do início do século XX podem proporcionar uma reflexão sobre o processo de disseminação de concepções sobre o negro e o índio que por muito tempo contribuíram para discriminação da forma de ser e de viver desses povos. Entre algumas obras deste período, podemos sugerir: O livro “O Presidente Negro” de Monteiro Lobato (1926) traz uma forte crítica a miscigenação entre brancos e negros ocasionada pelo projeto de branqueamento. Apesar de elogiar os negros como sendo uma raça forte fisicamente, Lobato, tratava-os em alguns trechos da narrativa como selvagens e incapazes de serem civilizados.

Na narrativa “A fada Brasiléia” de Maria do Carmo Uchoa (1946) encontramos a história do Brasil contada em passos de magia, em que uma fada loira de olhos azuis proporcionou uma viagem no tempo a uma menina chamada Maria Leonor. Durante a viagem, a menina conhecia personalidades da história do Brasil como Pedro Álvares Cabral e a Princesa Isabel, assim como, teve contato com indígenas do período colonial e negros da época da abolição. Ao lermos a história, percebemos o quanto os elementos brancos são exaltados de maneira positiva, como os traços físicos e a maneira de viver dos europeus. Já o indígena e o negro aparecem numa posição inferior e que nos remete a uma imagem negativa. Os índios são abordados ora manso e inocente, ora selvagem do mato. Quanto a concepção do negro, a história traz uma imagem de um negro com correntes rompidas e a princesa Isabel como redentora da pátria, sendo os negros gratos a ela pelo “favor” de ter libertado-os.

Inicialmente, essas obras podem ser utilizadas para contextualizar a história e a imagem do índio e do negro ao longo do tempo através da leitura e encenações teatrais, esta última será uma das maneiras de incluir o sujeito surdo nas atividades sabendo que boa parte da sua aprendizagem tem como base percepção visual.

Para atividades com a literatura infantil podem ser escolhidos livros que referenciam a cultura indígena e negra, como os livros: “O Cabelo de Lelê”, “Bruna e a galinha de angola”, “Menina bonita do laço de fita”, entre outros podem compor o acervo para essa atividade.

O livro “O Cabelo de Lelê” conta a história de Lelê uma menina negra que se questionava de onde vinham seus cachinhos até que descobrir que eles eram resultados de uma belíssima herança de seus antepassados vindos da África e representavam a luta e sonhos de um povo e por isso, amava seus cabelos cacheados.

Outro livro interessante a ser trabalhado é o “Menina bonita do laço de fita” que ressalta a beleza de ter a cor negra. E como elemento para referenciar a cultura africana, a história “Bruna e a Galinha de Angola” traz em sua narrativa elementos da cultura africana através do conto de uma menina que não possuía amigos até que ganhar uma galinha de angola e com ela algumas amigas surgiram em meio a aventuras.⁴ Por fim, as atividades que envolvem a literatura para comunidade surda devem considerar a multimodalidade que aqui é visto como uma alternativa adequada ao ensino da literatura para turmas de surdos e ouvintes (inclusiva). Nesse sentido, assumimos o trabalho de ensino literário para surdos potencializado por salas de aula que se estruturam de modo intersemiótico, nas quais a escrita e a leitura em língua portuguesa estão como segunda língua e as narrativas nesta língua sejam sempre mediadas por LIBRAS sendo essa a principal linguagem de comunicação, a fim de potencializar a construção de significados e a reflexão pela via literária aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão proposta neste trabalho, é a elucidação da história da comunidade surda e do seu direito a uma educação bilíngue para que todos entendam que os surdos são sujeitos culturais, capazes de conviver socialmente. Segundo Costa (2010), as representações sobre os sujeitos surdos foram construídas historicamente e se perpetuaram através dos discursos que influenciaram, não somente a concepção de ser surdo, mas também os métodos de ensino usados para educação surda, conforme vimos na segunda seção.

Nesse sentido, buscamos aqui proporcionar ao leitor uma reflexão que busque romper com a ideia de que o sujeito surdo seria incapaz de ler uma obra literária e contribuir para que

⁴ No campo das artes visuais, especificamente, das artes práticas podem ser consideradas trabalhos de pintores como Mestre Zumba, pintor alagoano que retratou a cultura negra dos quilombos alagoanos, assim como pintores nacionais que expressam a cultura indígena e afro-brasileira.

trabalhos sejam elaborados em convergência com a inclusão da comunidade surda à discussão étnico-racial.

GRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – **FAPEAL**.

RERERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. F.; PEREIRA, D.C.M. **O direito do surdo à literatura:** por uma educação literária multimodal. *Linguagem em (Re)vista*, vol. 10, n. 20. Niterói, jul./dez. 2015.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CAPOVILLA, F. C. **A evolução nas abordagens à educação da criança surda:** do oralismo à Comunicação Total e desta ao Bilinguismo. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 3ª ed. Vol. 2. São Paulo, SP: Edusp, FNDE- MEC.2001

COSTA, J. P. B. **A educação do surdo ontem e hoje:** posição do sujeito e identidade.- Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DUARTE JR., João Francisco. **Por que arte-educação**. Campinas; SP, Papirus, 2001.